

Cultura arquitetônica

FABIANO DIAS

É fato que o Brasil é um país de cultura riquíssima, com suas festas, comidas, costumes, credos, músicas, povo, etc. Mas, diferente de grandes países, como os europeus e até os Estados Unidos, sua arquitetura ainda não é um elemento arraigado à sua cultura, mesmo que em épocas bem específicas de nossa história ela tenha presença marcante.

Como no período colonial, com os primeiros casarios rústicos que se adaptaram ao nosso clima e materiais disponíveis, a arquitetura barroca brasileira que se tornou única em suas formas pelas mãos de mestres artesãos como Aleijadinho. Ou mesmo o nosso viés da arquitetura modernista, que teve seu ápice na Pampulha mineira e na Brasília das décadas de 50 e 60 do último século, quando, por meio dos traços de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, foi redefinida em seus cânones ortodoxos por características mais “brasileiras”, como as curvas da mulher brasileira de Oscar Niemeyer ou a releitura de elementos da arquitetura colonial por conta de Lúcio Costa.

Na Europa, a arquitetura é parte integrante da história das cidades e de cada povo, faz parte dos debates culturais e está presente em semanários e jornais. Nos Estados Unidos, mesmo que culturalmente a arquitetura esteja mais integrada à imagem dos arranha-céus (hoje, já superados pelos arranha-céus da ebulição econômica dos asiáticos e dos petrodólares do Oriente Médio), ainda é a expressão do orgulho americano, mesmo após os atentados de 11 de setembro de 2001.

Não fomos capazes, nesses pouco mais de 500 anos de história, de encontrar uma identidade própria para algo que possamos

chamar de “arquitetura brasileira”. Pode ser que a estejamos ainda construindo, mas é fato que nossas cidades são os exemplos mais drásticos quando nos deparamos com a qualidade de nossas construções, na ocupação de nossos espaços urbanos e na defasagem do número de habitações. O Estado foi no passado um grande patrocinador de bons exemplos arquitetônicos, mas há décadas a mediocridade permeia a construção de prédios e espaços públicos.

Aqui no Estado, uma luz começa a surgir, com as últimas obras propostas pelo governo estadual, que, ultrapassando as obras públicas meramente de infra-estrutura básica, investe na construção de espaços onde a própria arquitetura é parte primordial de um complexo cultural, moldando seu espaço e marcando seu lugar.

O Parque Estadual da Prainha de Vila Velha, de autoria do arquiteto Alexandre Feu Rosa, e o Centro Cultural da Enseada do Suá, em Vitória, de autoria do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, são, independentemente das divergências criadas pelos projetos, esforços válidos para incutir na cultura o valor da arquitetura. Lembremos que é nas divergências que o debate é criado, dando, assim, a devida importância ao fato debatido.

Em um país onde ainda hoje se desconhece a real função do arquiteto (ou a confunde com a do engenheiro civil), o fato de o Estado investir em nomes competentes da arquitetura nos sugere um bom momento para colocar na pauta cultural debates em torno da arquitetura e suas conseqüências na cidade.

Fabiano Dias é arquiteto-urbanista